

Olavo BILAC



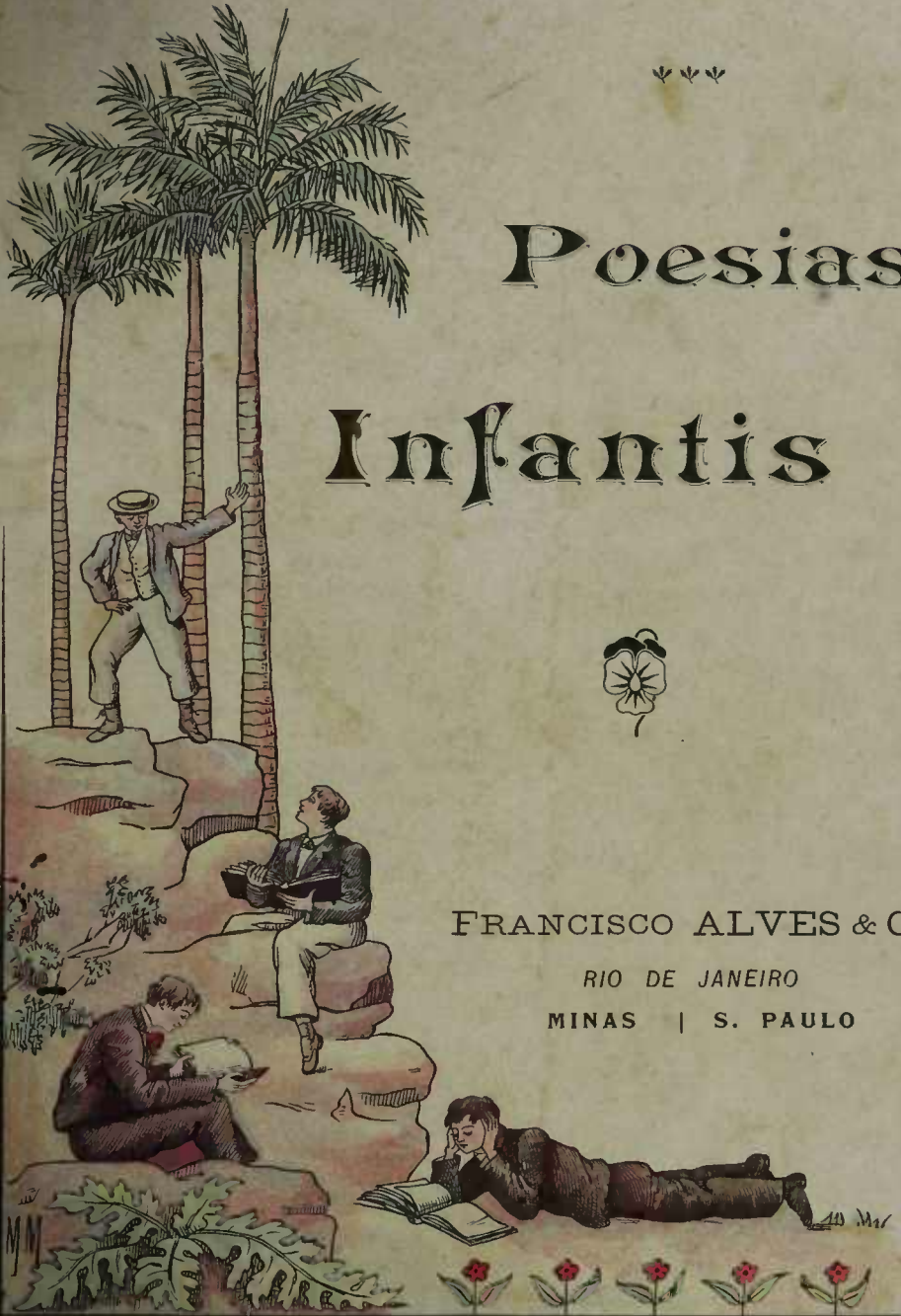
Poesias Infantis



FRANCISCO ALVES & C^{ia}

RIO DE JANEIRO

MINAS | S. PAULO





*A' h'õa discipula e amiga
Almerinda Martins*

Em 8 de agosto de 1904 -

Poesias

infantís

GRAJANA
BONS LIVROS
LISBOA

Olavo BILAC

Poesias infantis

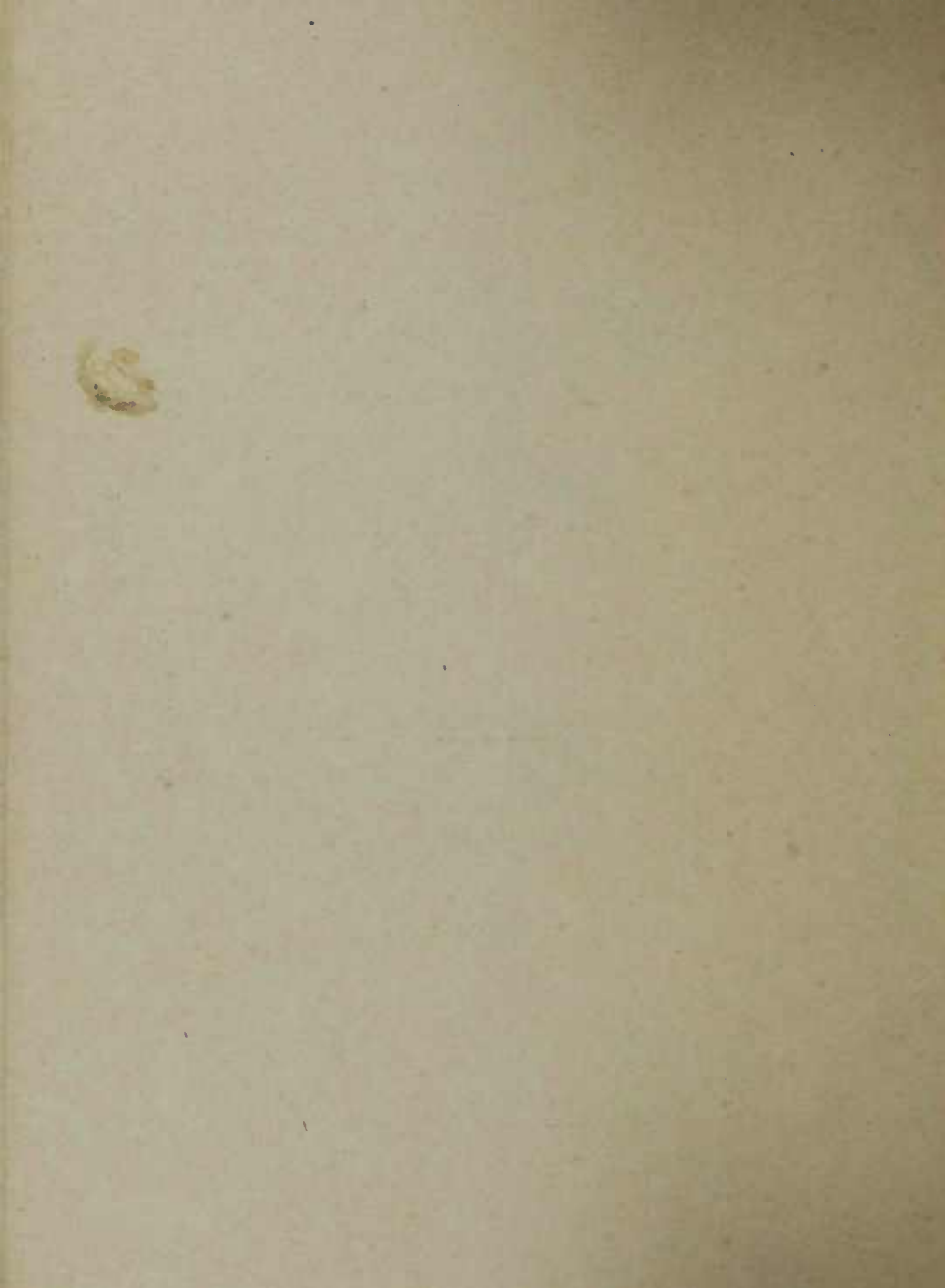


LIVRARIA CLASSICA DE FRANCISCO ALVES & C^o
RIO DE JANEIRO — 131, rua do Ouvidor, 131

RUA DA BARRA
MINAS

SAO PAULO
RUA DE S. BENTO, 45

1904



A QUEM LER

O auctor d'este livro destinado ás escolas primarias do Brasil, não quiç fazer uma obra de arte : quiç dar ás creanças alguns versos simples e naturaes, sem difficuldades de linguagem e metrica, mas, ao mesmo tempo, sem a exaggerada futilidade com que costumam ser feitos os livros do mesmo género.

O que o auctor deseja é que se reconheça n'este pequeno volume, não o trabalho de um artista, mas a boa vontade com que um brasileiro quiç contribuir para a educação moral das creanças do seu paiz.

Se, nas escolas, as creanças gostarem dos seus versos, o rimador das Poesias Infantís ficará satisfeito, e dará por optimamente empregados o seu tempo e o seu trabalho.

O. B.





A Avó

A avó, que tem oitenta annos,
Está tão fraca e velhinha! . .
Teve tantos desenganos!
Ficou branquinha, branquinha,
Com os desgostos humanos.

Hoje, na sua cadeira,
Repousa, pallida e fria,
Depois de tanta canceira :
E cochila todo o dia,
E cochila a noite inteira.

Ás vezes, porém, o bando
Dos netos invade a sala...
Entram rindo e papagueiando :
Este briga, aquelle falla,
Aquelle dança, pulando...

A velha acorda sorrindo,
E a alegria a transfigura ;
Seu rosto fica mais lindo,
Vendo tanta travessura,
E tanto barulho ouvindo.

Chama os netos adorados,
Beija-os, e, tremulamente,
Passa os dedos engelhados,
Lentamente, lentamente,
Por seus cabellos doirados.

Fica mais moça, e palpita,
E recupera a memoria,
Quando um dos netinhos grita :

« Ó vóvó! conte uma historia!
Conte uma historia bonita! »

Então, com phrases pausadas,
Conta historias de chimeras,
Em que ha palacios de fadas,
E feiticeiras, e feras,
E princezas encantadas...

E os netinhos estremecem,
Os contos acompanhando,
E as travessuras esquecem,
— Até que, a fronte inclinando,
Sobre o seu collo adormecem...





O Passaro captivo

Armas, num galho de arvore, o alçapão ;
E, em breve, uma avesinha descuidada,
Batendo as azas cae na escravidão.

Dás-lhe então, por esplendida morada,
A gaiola dourada ;
Dás-lhe alpiste, e agoa fresca, e ovos, e tudo :
Porque é que, tendo tudo, ha de ficar
O passarinho mudo,
Arrepiado e triste, sem cantar ?

É que, creança, os passaros não fallam.
Só gorgeando a sua dor exhalam,
Sem que os homens os possam entender;
Se os passaros fallassem,
Talvez os teus ouvidos escutassem
Este captivo passaro dizer :

« Não quero o teu alpiste !
Gosto mais do alimento que procuro
Na matta livre em que a voar me viste ;
Tenho agoa fresca num recanto escuro
Da selva em que nasci ;
Da matta entre os verdes,
Tenho fructos e flores,
Sem precisar de ti !
Não quero a tua esplendida gaiola !
Pois nenhuma riqueza me consola
De haver perdido aquillo que perdi...
Prefiro o ninho humilde, construido
De folhas seccas, placido, e escondido
Entre os galhos das arvores amigas...

Solta-me ao vento e ao sol!
Com que direito á escravidão me obrigas?
Quero saudar as pompas do arrebol!
Quero, ao cair da tarde,
Entoar minhas tristissimas cantigas!
Porque me prendes? Solta-me, covarde!
Deus me deu por gaiola a immensidade:
Não me roubes a minha liberdade...
Quero voar! voar!... »

Estas cousas o passaro diria,
Se pudesse fallar.
E a tua alma, creança, tremeria,
Vendo tanta afflicção:
E a tua mão, tremendo, lhe abriria
A porta da prisão...





O Sol

MM

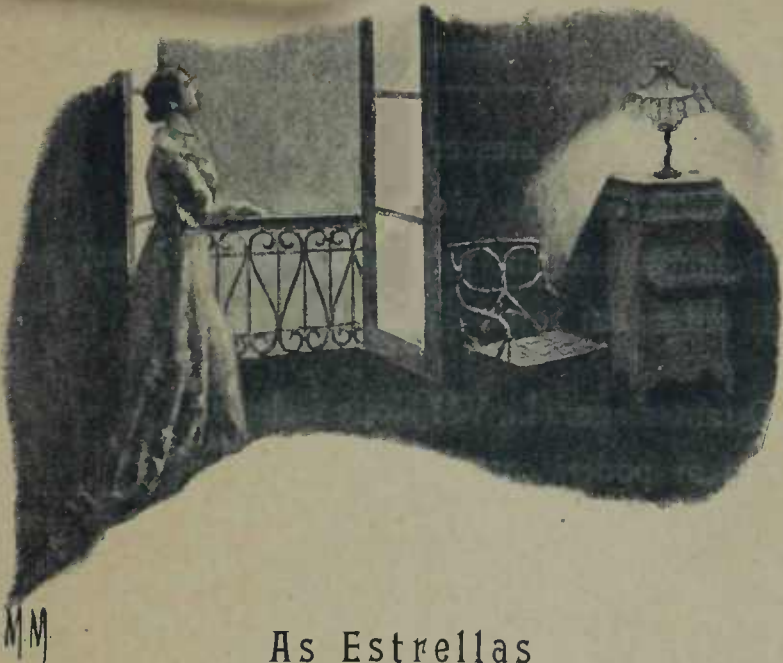
Salvé, sol glorioso! Ao teu clarão fecundo,
A natureza canta e se extasia o mundo.
Que tristeza, que dó, quando desapareces!
Tu, a terra estragada e feia reverdeces;
Abres com o teu calor as sebes perfumadas;
Dás flores ao verdor das moitas orvalhadas;
Os ninhos aquecendo, ás gargantas das aves
Dás gorgeios de amor, e harmonias suaves;
E, scintillando sobre os tufos de verdura,
Em cada ramo pões uma fructa madura.

A noite é como a morte; o dia é como a vida.
Ó Sol, quando te vaes, a alma vaga perdida...

Os pensamentos maus são os filhos da treva:
Fogem, quando a brilhar, no horisonte se eleva
O Sol, pae do trabalho, o Sol, pae da alegria...

Salvé, nuncio da Vida, e portador do Dia!





As Estrellas

Quando a noite cair, fica á janella,
E contempla o infinito firmamento!
Vê que planície fulgurante e bella!

Vê que deslumbramento!

Olha a primeira estrella que apparece
Além, n'aquelle ponto do horizonte...
Brilha, tremula e vívida... Parece
Um pharol sobre o pincaro do monte.

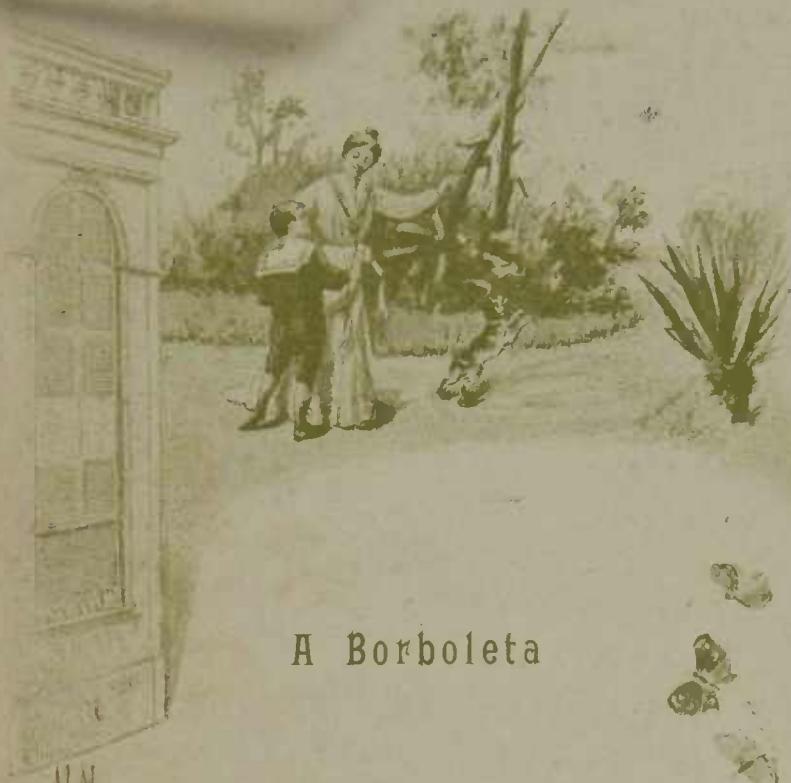
Com o crescer da treva,
Quantas estrellas vão apparecendo !
De momento em momento, uma se eleva,
E outras em torno d'ella vão nascendo.

Quantas agora !... Vê! Noite fechada...
Quem poderá contar tantas estrellas?
Toda a abobada está illuminada :
E o olhar se perde, e cança-se de vel-as.

Surgem novas estrellas imprevistas...
Inda outras mais despontam...
Mas, acima das ultimas que avistas,
Ha milhões e milhões que não se contam...

Baixa a fronte e medita :
— Como, sendo tão grande na vaidade,
Diante d'esta abobada infinita
E' pequenina e fraca a humanidade!





A Borboleta

Trazendo uma borboleta,
Volta Alfredo para casa.
Como é linda! é toda preta,
Com listas douradas na aza.

Tonta, nas mãos da creança,
Batendo as azas, n'um susto,
Quer fugir, porfia, cança,
E treme, e respira a custo.

Contente, o menino grita :

- « É a primeira que apanho,
- « Mamãe! vê como é bonita!
- « Que côres e que tamanho!

- « Como voava no matto!
- « Vou sem demora pregal-a
- « Por baixo do meu retrato,
- « N'uma parede da sala ».

Mas a mamãe, com carinho,
Lhe diz : « Que mal te fazia,
« Meu filho, esse animalzinho,
« Que livre e alegre vivia?

- « Solta essa pobre coitada!
- « Larga-lhe as azas, Alfredo!
- « Vê como treme assustada...
- « Vê como treme de medo...

- « Para sem pena espetal-a
- « N'uma parede, menino,

« É necessario matal-a :

« Queres ser um assassino ? »

Pensa Alfredo... E, de repente,

Solta a borboleta... E ella

Abre as azas livremente,

E foge pela janella.

« Assim, meu filho ! perdeste

« A borboleta dourada,

« Porém na estima crescestes

« De tua mãe adorada...

« Que cada um cumpra a sorte

« Das mãos de Deus recebida :

« Pois só pode dar a Morte

« Aquelle que dá a Vida. »



MM

Natal

Jesus nasceu! Na abobada infinita
Soam canticos vivos de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro d'aquella pobre estrebaria...

Não houve sedas, nem setins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesus...
Mas os pobres trouxeram offerendas
Para quem tinha de morrer na Cruz.

Sobre a palha, risonho, e illuminado
Pelo luar dos olhos de Maria,

Vede o Menino-Deus, que está cercado
Dos animaes da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes ;
Na humildade e na paz d'este logar,
Assim que abriu os olhos innocentes,
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No emtanto, os reis da terra, peccadores,
Seguindo a estrella que ao presepe os guia,
Veem cobrir de perfumes e de flores
O chão d'aquella pobre estrebaria.

Sobem hymnos de amor ao céo profundo ;
Homens, Jesus nasceu ! Natal ! Natal !
Sobre esta palha está quem salva o mundo,
Quem ama os fracos, quem perdoa o Mal !

Natal ! Natal ! Em toda a Natureza
Ha sorrisos e cantos, n'este dia...
Salve, Deus da Humildade e da Pobreza,
Nascido n'uma pobre estrebaria !





Os Reis Magos

Diz a Sagrada Escripura
Que, quando Jesus nasceu,
No céo, fulgurante e pura,
Uma estrellá appareceu.

Estrella nova... Brilhava
Mais do que as outras ; porém
Caminhava, caminhava
Para os lados de Belém.

Avistando-a, os tres Reis Magos
Disseram : « Nasceu Jesus ! »

Olharam-na com affagos,
Seguiram a sua luz.

E foram andando, andando,
Dia e noite a caminhar ;
Viam a estrella brilhando,
Sempre o caminho a indicar.

Ora, dos tres caminhantes,
Dois eram brancos : o sol
Não lhes tiznára os semblantes
Tão claros como o arrebol.

Era o terceiro sómente
Escuro de fazer dó...
Os outros iam na frente ;
Elle ia affastado e só.

Nascera assim negro, e tinha
A côr da noite na tez :
Por isso tão triste vinha...
Era o mais feio dos tres!

Andaram. E, um bello dia,
Da jornada o fim chegou ;
E, sobre uma estrebaria,
A estrella errante parou.

E os Magos viram que, ao fundo
Do presepe, vendo-os vir,
O Salvador d'este mundo
Estava, lindo, a sorrir.

Ajoelharam-se, rezaram
Humildes, postos no chão ;
E ao Deus-Menino beijaram
A alva e pequenina mão.

E Jesus os contemplava
A todos com o mesmo amor,
Porque, olhando-os, não olhava
A differença da côr...





Os Pobres

Ahi veem pelos caminhos,
Descalços, de pés no chão,
Os pobres que andam sósinhos,
Implorando compaixão.

Vivem sem cama e sem tecto,
Na fome e na solidão :
Pedem um pouco de affecto,
Pedem um pouco de pão.

São tímidos? São covardes?
Teem pejo? Teem confusão?
Parae quando os encontrardes,
E dae-lhes a vossa mão!

Guiae-lhes os tristes passos!
Dae-lhes, sem hesitação,
O apoio de vossos braços,
Metade de vosso pão!

Não receieis que, algum dia,
Vos assalte a ingratidão:
O premio está na alegria
Que tereis no coração.

Protegei os desgraçados,
Orphãos de toda a affeição:
E sereis abençoados
Por um pedaço de pão...





A Boneca

Deixando a bola e a petéca,
Com que inda ha pouco brincavam,
Por causa de uma boneca,
Duas meninas brigavam.

Dizia a primeira : « É minha ! »
— « É minha ! » a outra gritava ;
E nenhuma se continha,
Nem a boneca largava.

Quem mais soffria (coitada!)
Era a boneca. Já tinha
Toda a roupa estraçalhada,
E amarrotada a carinha.

Tanto puxavam por ella,
Que a pobre rasgou-se ao meio,
Perdendo a estôpa amarella
Que lhe formava o recheio.

E, ao fim de tanta fadiga,
Voltando á bola e á petéca,
Ambas, por causa da briga,
Ficaram sem a boneca...



AS ESTAÇÕES

CANTO



MM



I

MM

O INVERNO

Côro das quatro estações :

Cantemos, irmãs, dansemos !
Espantemos a tristeza !
E dansando, celebremos
A gloria da Natureza !

O Inverno :

Sou a estação do frio ;
O céu está sombrio,
E o sol não tem calor.
Que vento nos caminhos !

Trago a tristeza aos ninhos,
E trago a morte á flôr.

Ha nevoa no horizonte,
No campo e sobre o monte,
No valle e sobre o mar.
Os passaros se encolhem,
Os velhos se recolhem
Á casa, a tiritar.

Porém fôra a tristeza!
Em breve, a Natureza
Dá flores ao jardim:
Abramos a janella!
Outra estação mais bella
Já vem depois de mim.

Côro das quatro estações :

Cantemos, irmãs, dansemos!
Espantemos a tristeza!
E, dansando, celebremos
A gloria da Natureza.



II

A PRIMAVERA

Côro das quatro estações :

Cantemos ! Fora a tristeza !
Saudemos a luz do dia !
Saudemos a Natureza !
Já nos voltou a alegria !

A Primavera :

Eu sou a Primavera !
Está limpa a atmospherá,
E o sol brilha sem véo !
Todos os passarinhos

Já saem dos seus ninhos,
Voando pelo céu.

Ha risos na cascata,
Nos lagos e na matta,
Na serra e no vergel:
Andam os beija-flores
Pousando sobre as flores,
Sugando-lhes o mel.

Dou vida aos verdes ramos,
Dou voz aos gaturamos
E paz aos corações;
Cubro as paredes de hera;
Eu sou a Primavera,
A flôr das estações!

Côro das quatro estações :

Cantemos! Fôra a tristeza!
Saudemos a luz do dia!
Saudemos a Natureza!
Já nos voltou a alegria!



III

O VERÃO

Côro das quatro estações :

Que calor, irmãos! Cantemos
Como ardem as ribanceiras!
Cantemos, irmãos, dansemos,
À sombra d'estas mangueiras.

O Verão :

Sou o Verão ardente,
Que, vivo e resplendente,
Acaba de nascer;
Nas mattas abrazadas,

O fogo das *queimadas*
Começa a se accender.

Tudo de luz se cobre...
Dou alegria ao pobre;
Na roça a plantação
Expandese, viceja,
Com a vinda bemfazeja
Do provido Verão.

Sou o Verão fecundo!
Nasce no céu profundo
Mais rútilo o arrebol...
A vida se levanta...
A Natureza canta...
Sou a estação do Sol!

Côro das quatro estações :

Que calor, irmãs! Cantemos!
Como ardem as ribanceiras!
Cantemos, irmãs, dansemos,
À sombra d'estas mangueiras!



M.M

IV

O OUTONO

Côro das quatro estações :

Ha tantos fructos nos ramos,
De tantas formas e côres!
Irmãs! emquanto dansámos,
Sahiram fructos das flores!

O Outono :

Sou a sazão mais rica :
A arvore fructifica
Durante esta estação ;
No tempo da colheita,

A gente satisfeita
Saúda a Creação.

Concede a Natureza
O premio da riqueza
Ao bom trabalhador,
E enche, contente e ufana,
De jubilo a choupana
De cada lavrador.

Vede como do galho,
Molhado inda de orvalho,
Maduro o fructo cæe...
Interrompendo as dansas,
Aproveitae, creanças!
Os fructos apanhae!

Côro das quatro estações :

Ha tantos fructos nos ramos,
De tantas formas e côres!
Irmãs! emquanto dansámos,
Sahiram fructos das flores!



As Formigas

MM

Cautelosas e prudentes,
O caminho atravessando,
As formigas diligentes
Vão andando, vão andando...

Marcham em filas cerradas;
Não se separam; espiam
De um lado e de outro, assustadas,
E das pedras se desviam.

Entre os calháus vão abrindo
Caminho estreito e seguro,
Aqui, ladeiras subindo,
Acolá, galgando um muro.

Esta carrega a migalha ;
Outra, com passo discreto,
Leva um pedaço de palha ;
Outra, uma pata de insecto.

Carrega cada formiga
Aquillo que achou na estrada ;
E nenhuma se fatiga,
Nenhuma pára cançada.

Vêde! enquanto negligentes
'Stão as cigarras cantando,
Vão as formigas prudentes
Trabalhando e armazenando.

Tambem quando chega o frio,
E todo o fructo consome,

A formiga, que no estio
Trabalha, não soffre fome...

Recordae-vos todo o dia
Das lições da Natureza :
O trabalho e a economia
São as bases da riqueza.





MM.

O Universo

(PARAPHRASE)

A Lua :

Sou um pequeno mundo;
Movo-me, rolo, e danço
Por este céu profundo;
Por sorte Deus me deu
Mover-me sem descanso,
Em torno de outro mundo,
Que inda é maior do que eu.

A Terra :

Eu sou esse outro mundo;
A lua me acompanha,
Por este céu profundo...
Mas é destino meu
Rolar, assim tamanha,
Em torno de outro mundo,
Que inda é maior do que eu.

O Sol :

Eu sou esse outro mundo,
Eu sou o sol ardente!
Dou luz ao céu profundo...
Porém sou um pygmêo,
Que rolo eternamente
Em torno de outro mundo,
Que inda é maior do que eu.

O Homem :

Porque, no céu profundo,
Não ha-de parar mais

O vosso movimento?
Astros! qual é o mundo,
Em torno ao qual rodaes
Por esse firmamento?

Todos os Astros :

Não chega o teu estudo
Ao centro d'isso tudo,
Que escapa aos olhos teus!
O centro d'isso tudo,
Homem vaidoso, é Deus!





Domingo

Domingo... Os sinos repicam
Na igreja, constantemente,
E todas as ruas ficam
Alegres, cheias de gente.

Todo um dia de ventura...
Como o domingo seduz!
O homem, cansado, procura
Ter paz, ter ar, e ter luz.

Paradas e sem trabalho,
Dormem na roça as enxadas ;
Dormem a bigorna e o malho
Nas officinas fechadas.

Tambem, meninos cançados,
Os vossos livros deixae !
Deixae lições e dictados !
Dormi ! Sorride ! Cantae !

Fechem-se as aulas ! E o bando
Ruidoso das creancinhas
Livre se espalhe, voando,
Como um bando de andorinhas !

Deus, quando o mundo fazia,
Sete dias trabalhou,
E ao fim do setimo dia
Do trabalhou descansou...





Plutão

Negro, com os olhos em braza,
Bom, fiel e brincalhão,
Era a alegria da casa
O corajoso Plutão.

Fortissimo, agil no salto,
Era o terror dos caminhos,
E duas vezes mais alto
Do que o seu dono Carlinhos.

Jámais á casa chegára
Nem a sombra de um ladrão ;

Pois fazia medo a cara
Do destemido Plutão.

Dormia durante o dia,
Mas, quando a noite chegava,
Junto á porta se estendia,
Montando guarda ficava.

Porém Carlinhos, rolando
Com elle ás tontas no chão,
Nunca sahia chorando
Mordido pelo Plutão...

Plutão velava-lhe o somno,
Seguia-o quando acordado :
O seu pequenino dono
Era todo o seu cuidado.

Um dia cahiu doente
Carlinhos... Junto ao colchão
Vivia constantemente,
Triste e abatido, o Plutão.

Vieram muitos doutores,
Em vão. Toda a casa afflicta,
Era uma casa de dores,
Era uma casa maldita.

Morreu Carlinhos... A um canto,
Gania e ladrava o cão ;
E tinha os olhos em pranto,
Como um homem, o Plutão.

Depois, seguio o menino,
Seguio-o callado e serio ;
Quiz ter o mesmo destino :
Não sahio do cemiterio.

Foram um dia á procura
D'elle. E, esticado no chão,
Junto de uma sepultura,
Acharam morto o Plutão.



O Boi

Quando ainda no céu não se percebe a aurora,
E ainda está molhando as arvores o orvalho,
São pelo campo a fóra
O boi, para o trabalho.

Com que calma obedece!
Caminha sem parar :
E o sol, quando apparece,
Já o encontra, robusto e manso, a trabalhar.

Forte e meigo animal! Que bondade serena
Tem na doce expressão da face resignada!
Nem se revolta, quando o lavrador, sem pena,
Para o instigar, lhe crava a ponta da aguilhada.

Caé-lhe de rijo o sol sobre o largo cachaço ;
Zumbem moscas sobre elle, e picam-no sem dó :
Porém, indifferente ás dores e ao cansaço,
Caminha o grande boi, n'uma nuvem de pó.

Lá vae pausadamente o grande boi marchando...
E, por elle puxado,
Larga e profundamente o sólo retalhando,
Vae o possante arado.

Desce a noite. O luar fulgura sobre os campos.
Cessa a vida rural.

Ha estrellas no céo. Na terra ha pyrilampos.
E o boi, para dormir, regressa ao seu curral...





M.M.

O Avô

Este, que, desde a sua mocidade,
Penou, suou, soffreu, cavando a terra,
Foi robusto e valente, e, em outra idade,
Servindo a Patria, conheceu a guerra.

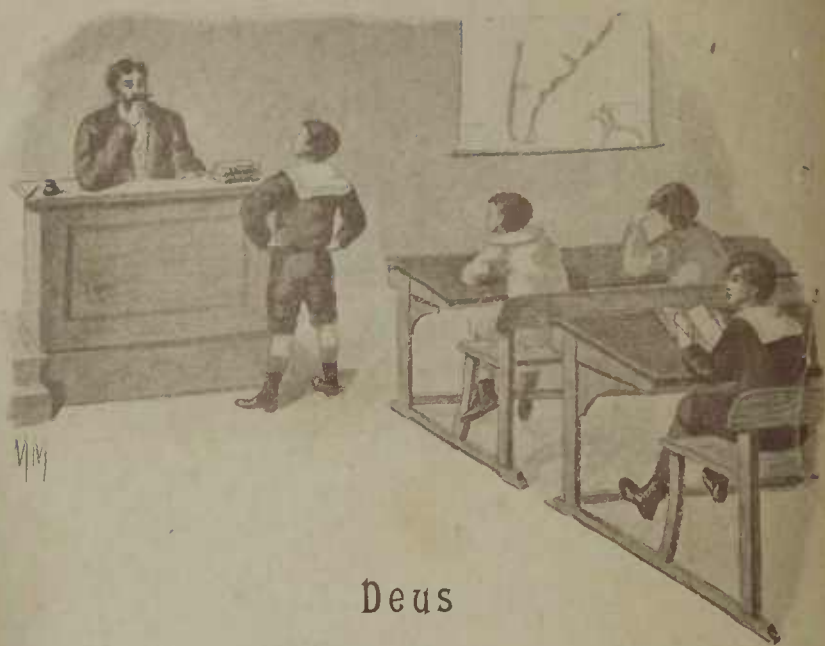
Combateu, viu a morte, e foi ferido;
E, abandonando a carabina e a espada,
Veio, depois do seu dever cumprido,
Tratar das terras, e empunhar a enxada.

Hoje, a custo sómente move os passos...
Tem os cabellos brancos; não tem dentes...
Porém remôça, quando tem nos braços
Os dois netos queridos e innocentes.

Conta-lhes os seus annos de alegria,
Os dias de perigos e de glorias,
As bandeiras voando, a artilheria
Retumbando, e as batalhas, e as victorias...

E fica alegre quando vê que os netos,
Ouvindo-o, e vendo-o, e lhe invejando a sorte,
Batem palmas, extacticos, e inquietos,
Amando a Patria sem temer a morte!



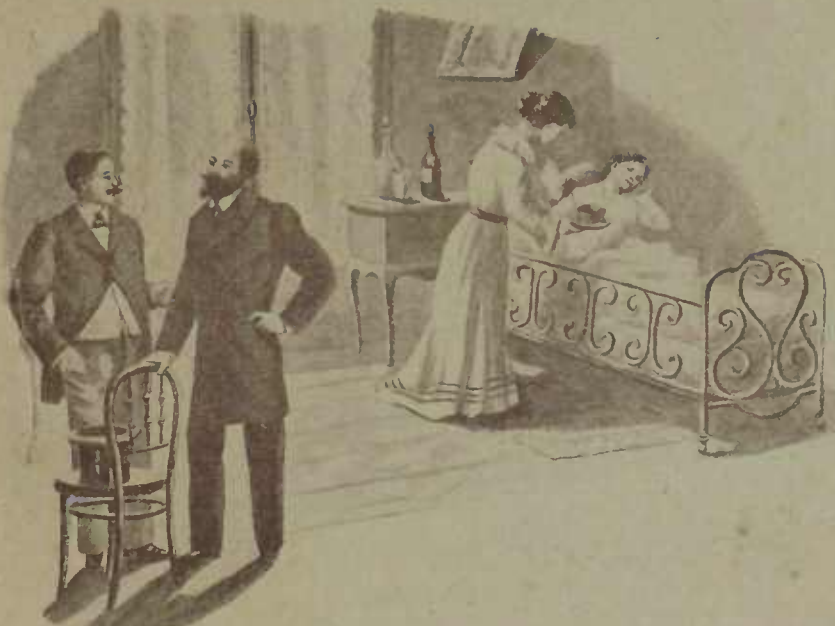


Deus

Para experimentar Octavio, o mestre
Diz : « Já que tudo sabe, venha cá!
« Diga em que ponto da extensão terrestre.
« Ou da extensão celeste Deus está! »

Por um momento apenas, fica mudo
Octavio, e logo esta resposta dá :
« Eu, senhor mestre, lhe daria tudo,
Se me dissesse onde é que elle não está! »





M. M.

O Remedio

A Amelinha está doente,
Chora, tem febre, delira;
Em casa, está toda gente
Afflicta, e geme, e suspira.

Chega o medico e a examina.
Tocando a fronte abrazada,
E o pulso da pequenina,
Diz alegre: « Não é nada!

« Vou lhe dar uma receita.
« Amanhã, o mais tardar,
« Já de saude perfeita,
« Ha de sorrir e brincar. »

Vem o remedio. Amelinha
Grita, faz manha, esperneia :

« Não quero! »

O pae se avisinha,
Mostrando-lhe a colher cheia :

« Toma o remedio, querida!
« Dar-te-hei como recompensa,
« Uma boneca vestida
« De seda e rendas, immensa... »

— « Não quero! »

Chega a titia :

« Amelia é boa, não é?
« Se fosse boa, teria
« Toda uma arca de Noé. . »

— « Não quero ! »

Promettem tudo :

Livros de figuras cheios,
Um vestido de velludo,
Brinquedos, joias, passeios...

Teima Amelinha. Faz manha.
E diz o pae, já com tedio :
— « Menina! você apanha,
Se não toma este remedio ! »

E nada! a menina grita,
Sem querer obedecer.
Mas nisto, a mamãe afflicta,
Põe-se a gemer e a chorar.

Logo Amelinha, callada,
Mansa, a colher segurando,
Sem já se queixar de nada,
Vae o remedio tomando.

— « Então? máu gosto sentiste? »

Diz o pae... E ella, apressada :

— « Para não ver mamãe triste,
« Não sinto máu gosto em nada! »





Justiça

Chega á casa, chorando, o Oscar. Abraça
Em prantos a Mamãe.

« Que foi, meu filho? »

— « Succedeu-me, Mamãe, uma desgraça!

« Outros, no meu collegio, com mais brilho,

« Tiveram premios, livros e medalhas...

« Só eu não tive nada! »

— « Mas porque não trabalhas?
« Porque é que, a uma existencia dedicada
« Ao trabalho e ao estudo,
« Preferes os passeios ociosos?
« Os outros, filho, mais estudiosos,
« Pelas suas lições despresam tudo...
« Pois querias então que, vadiando,
« Os outros humilhasses,
« E que, os melhores premios conquistando,
« Mais que os outros brilhasses?
« Para outra vez, ao teu prazer prefere
« O estudo! e o premio alcançarás sem custo :
« E aprende : mesmo quando isso te fere,
« É preciso ser justo! »





O Tempo

Sou o Tempo que passa, que passa,
Sem principio, sem fim, sem medida!
Vou levando a Ventura e a Desgraça,
Vou levando as vaidades da Vida!

A correr, de segundo em segundo,
Vou formando os minutos que correm...
Fôrmo as horas que passam no mundo,
Fôrmo os annos que nascem e morrem.

Ninguem pode evitar os meus damnos...
Vou correndo sereno e constante :
D'esse modo, de cem em cem annos,
Fórmo um seculo, e passo adiante.

Trabalhae, porque a vida é pequena,
E não ha para o Tempo demoras !
Não gasteis os minutos sem pena !
Não façaes pouco caso das horas !





A Madrugada

Os passaros, que dormiam
Nas arvores orvalhadas,
Já a alvorada anunciam
No silencio das estradas.

As estrellas, apagando
A luz com que resplandecem,
Vão timidas vacillando
Até que desaparecem.

D'este lado do horizonte,
N'uma nevoa luminosa,
O céo, por cima do monte,
Fica todo côr de rosa;

D'ahi a pouco, inflamado
N'uma claridade intensa,
Se desdobra avermelhado,
Como uma fogueira immensa.

Os gallos, batendo as azas,
Madrugadores, já cantam ;
Já ha barulho nas casas,
Já os homens se levantam,

O lavrador pega a enxada,
Mugem os bois á porfia ;
— É a hora da madrugada :
Saudae o nascer do dia!





Meio-dia

Meio-dia. Sol a pino.
Corre de manso o regato.
Na egreja repica o sino ;
Cheiram as hervas do matto.

Na arvore canta a cigarra ;
Ha recreio nas escolas :
Tira-se, n'uma algazarra,
A merenda das saccolas.

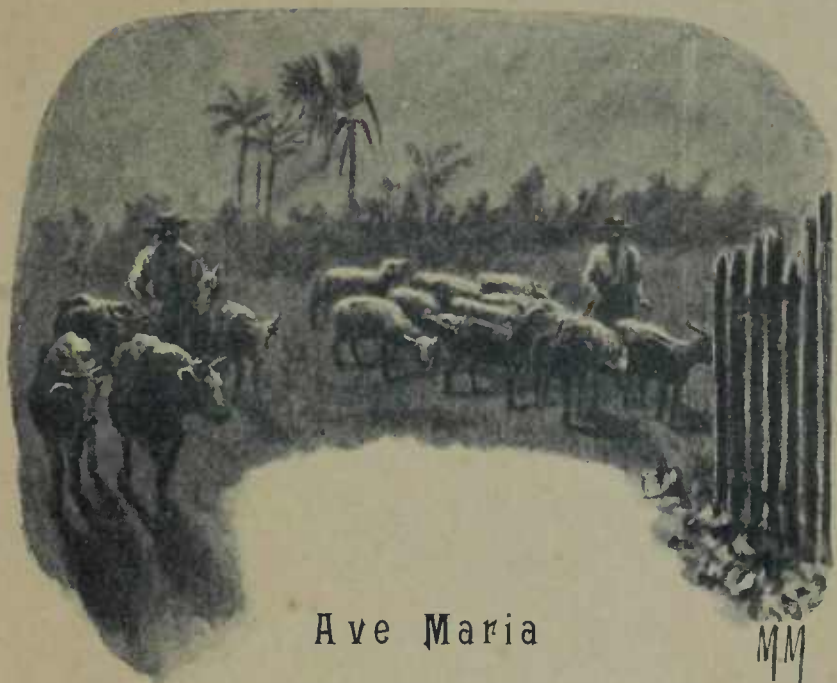
O lavrador pouisa a enxada
No chão, descansa um momento,
E enxuga a fronte suada,
Contemplando o firmamento.

Nas casas ferve a panella
Sobre o fogão, nas cosinhas;
A mulher chega á janella,
Atira milho ás gallinhas.

Meio-dia! O sol escalda,
E brilha, em toda a pureza,
Nos campos côr de esmeralda,
E no ceo côr de turqueza...

E a voz do sino, echoando
Longe, de atalho em atalho,
Vae pelos campos, cantando
A Vida, a Luz, o Trabalho!





Ave Maria

Meu filho! termina o dia...
A primeira estrella brilha...
Procura a tua cartilha,
E reza a Ave Maria!

O gado volta aos curraes...
O sino canta na egreja...
Pede a Deus que te proteja
E que dê vida a teus paes!

Teus

Ave Maria!... Ajoelhado,
Pede a Deus que, generoso,
Te faça justo e bondoso,
Filho bom, e homem honrado ;

Que teus paes conserve aqui
Para que possas, um dia,
Pagar-lhes em alegria
O que soffreram por ti.

Reza, e procura o teu leito,
Para adormecer contente;
Dormirás tranquillamente,
Se disseres satisfeito :

« Hoje, pratiquei o bem :
Não tive um dia vasio,
Trabalhei, não fui vadio,
E não fiz mal a ninguem. »





Meia Noite

O filho :

Ó Mamãe! quando adormecem
Todos, n'um somno profundo,
Ha mesmo almas do outro mundo,
Que aos meninos apparecem?

A mãe :

Não creias n'isso! É tolice!
Fantasmas são invenções
Para dar medo aos poltrões :
Não houve ninguém que os visse!

Não ha gigantes nem fadas,
Nem genios perseguidores,
Nem monstros aterradores,
Nem princezas encantadas!

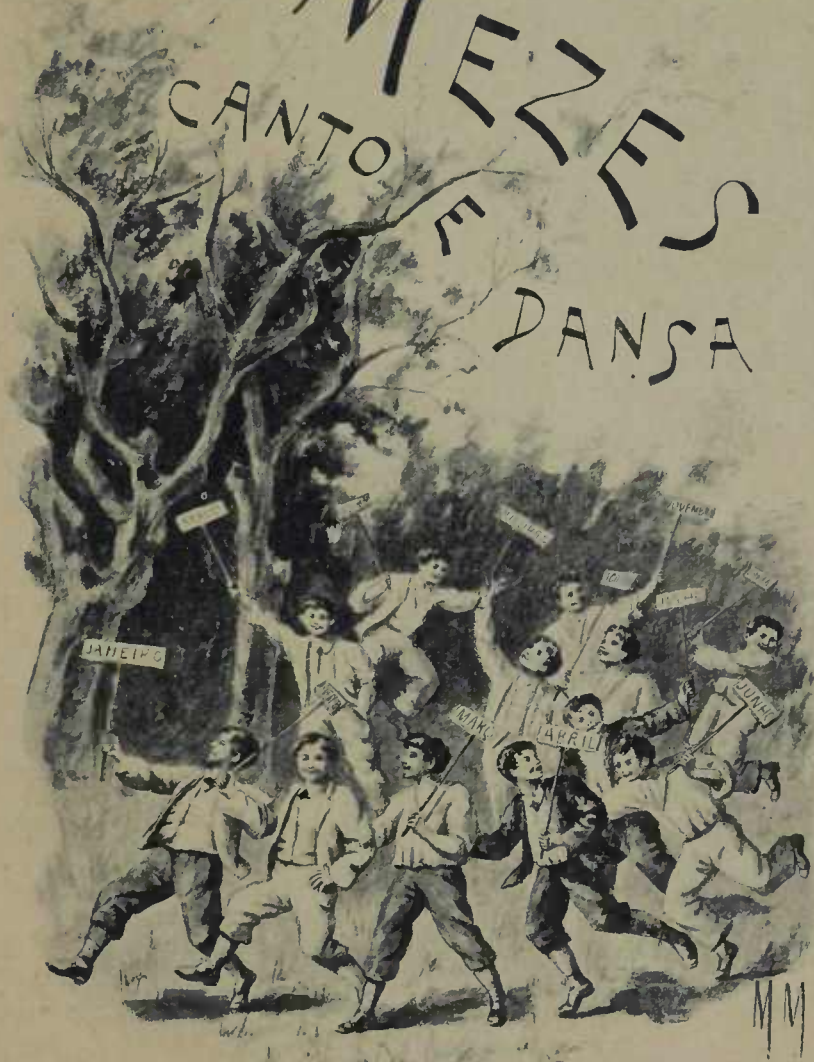
As almas dos que morreram
Não voltam á terra mais!
Pois vão descansar em paz
Do que na terra soffreram.

Dorme com tranquillidade!
— Nada receia, meu filho,
Quem não se affasta do trilho
Da Justiça e da Bondade.



OS MEZES

CANTO E DANSA



MM



I

JANEIRO

Côro das creanças :

Venham os mezes desfilando!
Cante cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez...

Janeiro :

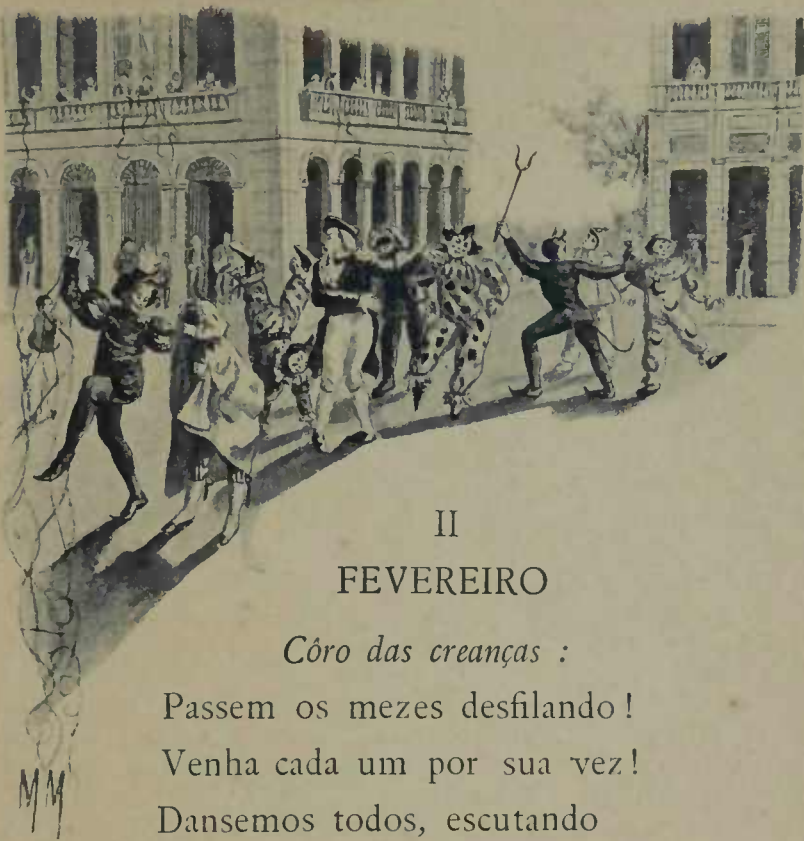
Eu sou o mez primeiro,
O callido Janeiro!
Ouvi minha canção!
Dou festas e presentes...
E os corações contentes,
Quando appareço, estão.

Quando appareço, os sinos
Começam crystallinos,
A erguer o alegre som.
Trago para as creanças
Affagos, esperanças,
E festas de Anno-Bom.

Mas, se a alegria espalho,
Desejo que o trabalho
Vos possa reunir :
Mezes, eu vos saúdo !
Eu sou o mez do estudo :
As aulas vão se abrir !

Côro das creanças :

Sáia da roda o mez primeiro !
Prosiga a dansa jovial !
E entre na roda Fevereiro,
Que é o bello mez do Carnaval !



II FEVEREIRO

Côro das creanças :

Passem os mezes desfilando !
Venha cada um por sua vez !
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez !

Febreroiro :

Febreroiro, muitas vezes,
No meio dos doze mezes,
É o mez mais jovial.
É o mez da mascarada,
Da alegria desvairada,
Das festas do Carnaval !

Sãem a rua os *diabos*,
De longos, vermelhos rabos,
E caras de horrorisar,
E o *velho*, que, dando o braço
Ao *dominó*, e ao *palhaço*,
Diz graçolas, a pular.

Brincae ! por estes trez dias
De festas e de alegrias,
Os vossos livros deixae !
Para alegrar vossas almas,
Batei aos *mascaras* palmas,
— Depois... aos livros voltae !

Côro das creanças :

Sáia da roda Fevereiro,
Pois já passou a sua vez !
Entre na roda o mez terceiro !
Venha outro mez ! Venha outro mez !





III
MARÇO

Côro das creanças :
Venham os mezes desfilando!
Venha cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez.

Março :
Março, que se adianta,
Traz a Semana Santa,
Em que Jesus morreu :
Foi pela Humanidade
Que elle, todo bondade,
Viveu e padeceu.

Ha luto na cidade...
Quem se humilhar não ha-de,
Pensando na Paixão?
Na igreja os órgãos cantam,
E as almas se levantam,
Cheias de gratidão.

Orae tambem, creanças!
E, suspendendo as danças,
Lembrae-vos de Jesus,
Que, martyr voluntario,
Morreu sobre o Calvario,
Nos braços de uma cruz.

Côro de creanças :

Março morreu! Prosiga a danza!
Prosiga a ronda juvenil!
E vamos ver que mez avança:
É o mez de Abril! É o mez de Abril!





IV
ABRIL

Côro de creanças :

Passem os mezes desfilando!
Venha cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez!

Abril :

Eu sou Abril! O seio
Tenho cheiroso, e cheio
De fructos, e de flores.
Abril o outono encerra :
Já pesam sobre a terra
Os ultimos calores.

Foi n'este mez que, um dia,
O odio da tyrannia
Um martyr consagrou.
Saudáe o Tiradentes,
E os sonhos resplendentes
Que o seu Ideal sonhou!

Quiz ver a Patria amada
Do jugo libertada,
Digna do seu amor...
— Vós, decorae-lhe a historia,
Honrando-lhe a memoria!
Saudae o Sonhador!

Côro de creanças :

Um novo passo agora ensiao :
Dansemos todos outra vez !
Entre na roda o mez de Maio,
Sáia da roda o quarto mez.





V
MAIO

Côro de creanças :

Passem os mezes desfilando!
Venha cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez!

Maio :

Dae-me vivas! Dae-me palmas!
Exultem todas as almas,
Cheias de um vivo fulgor!
Todo o Brasil, congregado,
Saúde o mez consagrado
Da Liberdade e do Amor!

À grande raça opprimida
Abri as portas da vida,
As portas da Redempção!
Mudei em risos as dores,
Mudei em tufos de flores
Os ferros da escravidão!

Treze de Maio! A desgraça
Findou de toda uma raça!
— Aos beijos, dando-se as mãos
Os brasileiros se uniram,
E o captiveiro aboliram,
Ficando todos irmãos.

Côro de creanças :

Maio já deu o seu recado...
Prosiga, em dansas, a função!
Entre na roda o mez amado,
O alegre mez de S. João!





VI
JUNHO

MM

Coro de creanças :

Passem os mezes desfilando!
Venha cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez!

Junho :

Em chammas alviçareiras,
Ardem, crepitam fogueiras...
— E os balões de S. João
Vão luzir, entre as neblinas,
Como estrellas pequeninas,
Entre as outras, na amplidão.

Não ha casinha modesta
Que não se atavie, em festa,
N'estas noites, a brilhar:
Não se recordam tristezas...
Estalam bichas chinezas,
Estouram foguetes no ar.

Fogos alegres, pistolas,
Bombas! ao som das violas,
Ardei! cantae! crepitae!
N'um largo e claro sorriso,
Seja a terra um paraíso!
Folgae, creanças, folgae!

Côro de creanças :

Ahi vem Julho, o mez do frio...
Vamos os corpos aquecer,
Accelerando o rodopio...
— Póde outro mez apparecer!





VII

JULHO



Côro de creanças :

Passem os mezes desfilando!
Venha cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez!

Julho :

Mais curtos são os dias...
As noites são mais frias,
E custam a passar...
Que commodo o descanso,
Na calma, no remanso,
Na placidez do lar...

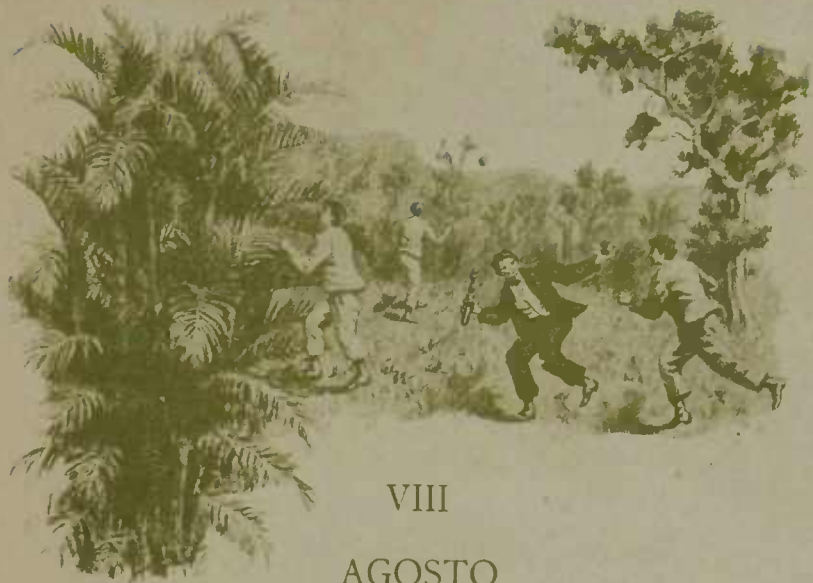
Que paz, e que franqueza,
Quando, ao redor da meza,
Á luz do lampião,
A gente se congrega,
E ao jubilo se entrega
De doce communhão!

Amigos, estudemos!
E esta estação saudemos
Bondosa, que nos traz
As longas noites calmas
Que dão ás nossas almas
O Amor, o Estudo e a Paz!

Côro de creanças :

O mez de julho occulta o rosto...
O seu encanto se desfez...
Entre na roda o mez de agosto!
Entre na dança o oitavo mez!





MM

VIII
AGOSTO

Côro de creanças :

Passem os mezes desfilando!
Venha cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez!

Agosto :

Com as chuvas derradeiras,
Molham-se as verdes palmeiras
E os canteiros do jardim.
Já que o tempo não melhora,
Deixemos em paz lá fóra
O balanço e o trampolini...

Depois das lições, abramos
Livros de contos; leiamos
As ardentes narrações
De aventuras, de viagens
Por inhospitas paragens
E por selvagens sertões...

— De explorações arrojadas
Feitas em zonas geladas,
Em zonas de vivos sóes;
E percorramos a Historia,
Honrando e amando a memoria
Dos justos e dos heróes!

Côro de creanças :

Fugiu Agosto! Pede entrada
Um novo mez que nos vae dar
A Primavera perfumada!
É o nono mez que vae entrar!





IX

SETEMBRO

MM

Côro de creanças :

Passem os mezes, desfilando!
Venha cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez!

Setembro :

Eu trago a primavera;
Trago a aprazivel era
De universaes festins;
Mais bellas, mais viçosas,
Surgem sorrindo as rosas
E as dhalias nos jardins.

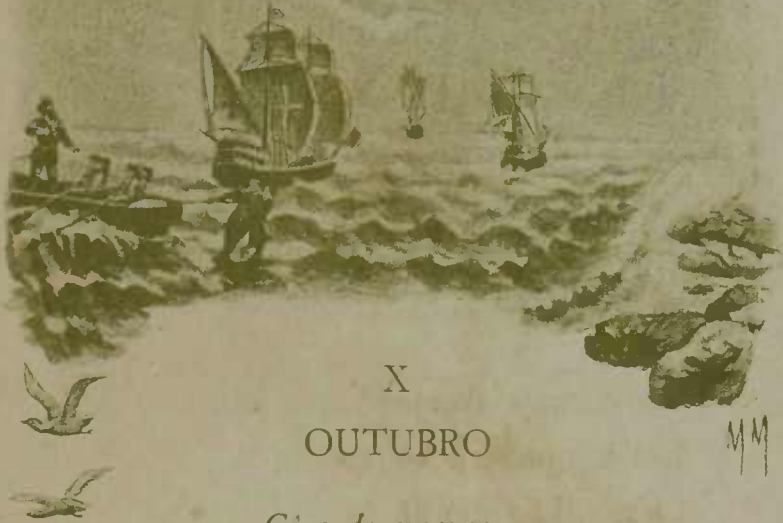
Sou o jovial setembro!
E aos brasileiros lembro
A data sem rival,
Em que o Brasil potente,
Ficou independente
Do velho Portugal.

As vozes elevemos
Em hymnos, e beijemos
O pavilhão gentil,
Que no seu lema encerra
O ideal da nossa terra,
A gloria do Brasil!

Côro de creanças :

Adeus, setembro! Já descubro,
Cheio de flores, a cantar,
Lepido e alegre, o mez de Outubro.
Que em nossa roda quer entrar!





X
OUTUBRO

Côro de crianças :

Passem os meses desfilando!
Venha cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez!

Outubro :

Foi neste mez que, por mares
Cheios de nevoas e azares,
Christovam Colombo viu
Um novo e esplendido Mundo
Surgir do Oceano profundo...
E a America descobriu.

As intrigas, os perigos,
A inveja dos inimigos
Não o puderam vencer :
Viu passarem as procellas
Sobre as suas caravellas,
Sem a esperança perder.

Gloria ao Genio destemido,
Que navegou conduzido
Pela sua intrepidez!
Ergamos a voz em festas
Àquelle que estas florestas
Viu pela primeira vez!

Côro de creanças :

Um outro mez já pede entrada :
Deixem-n'ó entrar, que é sua vez!
Em nossa roda bem formada,
Entre cantando um outro mez!





XI

NOVEMBRO

MM

Côro de creanças :

Passem os mezes desfilando!
Venha cada um por sua vez!
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez!

Novembro :

Neste mez, compremos ramos
De bellas flores, e vamos
Aos cemiterios orar!
Só pode ser bom na vida
Quem, com alma commovida,
Sabe os mortos respeitar.

Visitemos os finados,
— Aquelles, que, descansados,
Dormem o somno final!
— Mas, logo depois, cantemos!
E com hymnos celebremos
Nossa data nacional!

Patria que todos amamos!
Aos teus pés depositamos
Saudações e flores mil!
Sempre sobre a tua historia
Fulgure a estrella da Gloria!
Deus engrandeça o Brasil!

Côro de creanças :

Dansae, dansae mais vivamente!
Saia Novembro, e entre, a cantar,
O mez querido que, contente,
As ferias vem annunciar!





XII
DEZEMBRO

MM

Coro de creanças :

Passem os mezes desfilando!
Venha cada um por sua vez.
Dansemos todos, escutando
O que nos conta cada mez!

Dezembro :

Deixemos as cousas serias!
Sou o bello mez das Férias,
O bello mez do Natal!
Creanças! tendes saudade
Da casa, da liberdade,
Do carinho maternal?

Sou o bello mez da Infancia! ·
— Quem trabalhou com constancia,
Debalde não trabalhou :
As aulas estão suspensas;
Tem premios e recompensas
Todo aquelle que estudou.

Quem estudou, finalmente,
Recebe a paga, contente,
Do sacrificio que fez...
— Férias, collegios fechados
E livros abandonados!...
Eu sou das Férias o mez!

Côro de creanças :

Inda uma vez dansemos rindo!
Vamos ás casas regressar...
O anno acabou! Dezembro é findo!
Vamos agora descansar!





Anno-Bom

Anno-Bom. De madrugada,
Bebê desperta, e, assustada,
Avista um vulto na cama.
Que será? Que medo! E, tonta,
Eis que Bebê se amedronta,
Chora, grita, chama, chama...

Mas, quando se abre a cortina,
Quando o quarto se illumina,
Bebê, de pasmo ferida,

Vê que o medo não é justo :
Pois a causa de seu susto
É uma boneca vestida.

Que linda! é gorda e córada,
Tem cabelleira dourada
E olhos côr do firmamento...
Põe-na no collo a creança,
E de olhal-a não se cança,
Beijando-a a todo o momento.

Nisto a mamãe apparece.
Como Bebê lhe agradece,
Com beijos, risos e abraços!
— Porém, logo, de repente,
Diz á mamãe, tristemente,
Prendendo-a muito nos braços :

« Mamãe! como sou ingrata!
« Com tantos mimos me trata,
« Tão bôa, tão dedicada!

-
- « Dá-me vestidos e fitas,
« Dá-me bonecas bonitas,
« E eu, mamãe, não lhe dou nada!... »
- « Tolinha! (a mãe diz, num beijo)
« As festas que eu mais desejo,
« Ó minha filha, são estas :
« A tua meiga bondade
« E a tua felicidade...
« Não quero melhores festas! »





As Flores

Deus ao mundo deu a guerra,
A doença, a morte, as dôres :
Mas, para alegrar a terra,
Basta haver-lhe dado as flores.

Umás, creadas com arte,
Outras, simples e modestas,
Ha flores por toda a parte :
Nos enterros e nas festas,

Nos jardins, nos cemiterios,
Nos paúes e nos pomares ;
Sobre os jazigos funereos,
Sobre os berços e os altares,

Reina a flor! pois quiz a sorte
Que a flor a tudo presida,
E tambem enfeite a morte,
Assim como enfeita a vida.

Amae as flores, creanças!
Sois irmans nos esplendores,
Porque ha muitas semelhanças
Entre as creanças e as flores...





A Infancia

O berço em que, adormecido,
Repousa um recém-nascido,
Sob o cortinado e o véo,
Parece que representa,
Para a mamãe que o acalenta,
Um pedacinho do céu.

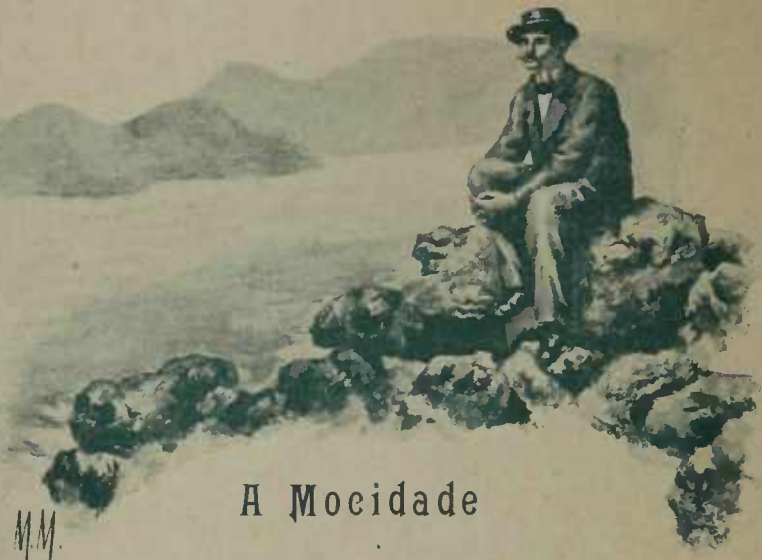
Que jubilo, quando, um dia,
A creança principia,
Aos tombos, a engatinhar...

Quando, agarrada ás cadeiras,
Agita-se horas inteiras
Não sabendo caminhar!

Depois, a andar já começa,
E pelos moveis tropeça,
Quer correr, vacilla, cáe...
Depois, a bocca entreabrindo,
Vae pouco a pouco sorrindo,
Dizendo : *mamãe... papae...*

Vae crescendo. Forte e bella,
Corre a casa, tagarella,
Tudo escuta, tudo vê...
Fica esperta e intelligente...
E dão-lhe, então, de presente
Uma carta de *A. B. C...*





M.M.

A Mocidade

A Mocidade é como a Primavera!
A alma, cheia de flores, resplandece,
Crê no Bem, ama a vida, sonha e espera,
E a desventura facilmente esquece.

É a idade da força e da belleza :
Olha o futuro, e inda não tem passado :
E, encarando de frente a Natureza,
Não tem receio do trabalho ousado.

Ama a vigilia, aborrecendo o somno ;
Tem projectos de gloria, ama a Chimera ;
E ainda não dá fructos como o outono,
Pois só dá flores como a primavera!



A Velhice

O Neto :

Vóvó, porque não tem dentes?

Porque anda rezando só,

E treme, como os doentes

Quando têm febre, vóvó?

Porque é branco o seu cabelo?

Porque se apoia a um bordão? . .

Vóvó, porque, como o gelo,

É tão fria a sua mão?

Porque é tão triste o seu rosto?
Tão tremula a sua voz?
Vóvó, qual é seu desgosto?
Porque não ri como nós?

A Avó :

Meu neto, que és meu encanto,
Tu acabas de nascer...
E eu, tenho vivido tanto
Que estou farta de viver!

Os annos, que vão passando,
Vão nos matando sem dó :
Só tu consegues, fallando,
Dar-me alegria, tu só!

O teu sorriso, creança,
Cae sobre os martyrios meus,
Como um clarão de esperança,
Como uma benção de Deus!





O Trabalho

Tal como a chuva cahida
Fecunda a terra, no estio,
Para fecundar a vida
O trabalho se inventou.

Feliz quem pode, orgulhoso,
Dizer : « Nunca fui vadio :
E, se hoje sou venturoso,
Devo ao trabalho o que sou! »

É preciso, desde a infancia,
Ir preparando o futuro ;
Para chegar á abundancia,
É preciso trabalhar.

Não nasce a planta perfeita,
Não nasce o fructo maduro ;
E, para ter a colheita,
É preciso semear...





A Coragem

Não sejas nunca medroso !
Fracos embora, tem coragem !
Para fazer a viagem
Da vida, sem hesitar,
É preciso, de alma forte,
Sem ostentar valentia,
Dominar a covardia,
Para o perigo enfrentar.

O medo é proprio do perfido,
Do peccador, do malvado :
Quem não se entrega ao peccado
Não receia a punição.
Não tem medo quem caminha
Com a consciencia tranquilla,
Quem o inimigo aniquila
Com a força da razão!

Não abuses da bravura ;
Não affrontes o inimigo ;
Não procures o perigo ;
Préga o amor ! e préga a paz !
Mas, se isso fôr impossivel,
Não fuja ! cae batalhando !
E, se morreres luctando,
Morre ! feliz morrerás.





MM

Modestia

Se a todos os condiscipulos
Te julgas superior,
Esconde o merito, e calla-te
Sem ostentar teu valor.

Valem mais que a intelligencia,
A constancia e a applicação :
Sê modesto ! estuda, applica-te,
E foge da ostentação!

Mais vale o merito proprio
Sentir, guardar e occultar :
Porque o verdadeiro merito
Não gosta de se mostrar.



O Credo

Crê no Dever e na Virtude!
É um combate insano e rude
A vida, em que tu vaes entrar.
Mas, sendo bom, com esse escudo,
Serás feliz, vencerás tudo :
Quem nasce, vem para lutar.

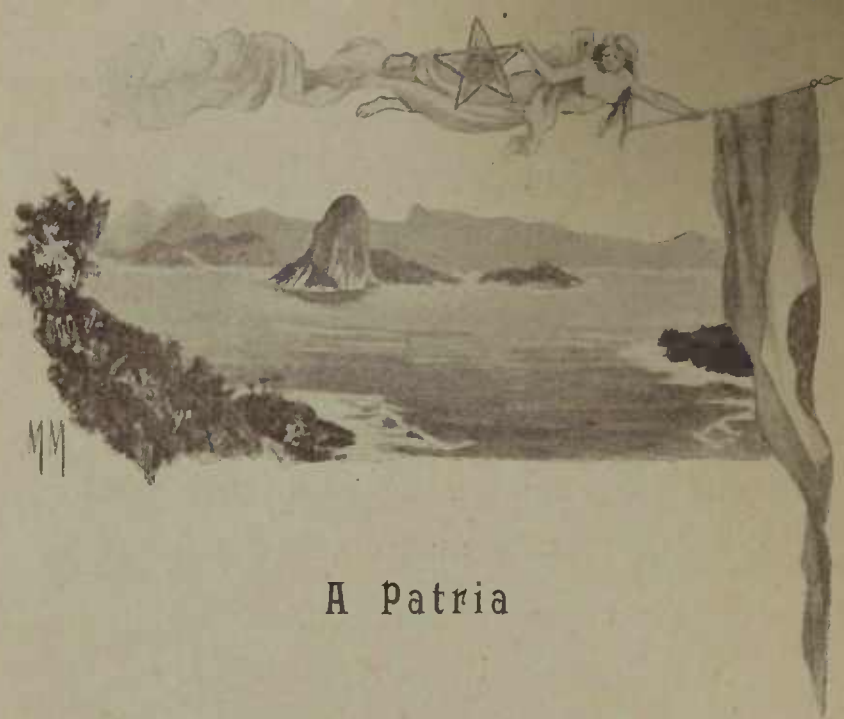
• •
E crê na Patria! Inda que a vejas,
• Preza de ideias malfazejas,
Em qualquer epocha, infeliz,

— Não a abandones ! porque a Gloria
Inda has-de ver numa victoria
Mudar cada uma cicatriz.

E cré no Bem ! Inda que, um dia,
No desespero e na agonia,
Mais desgraçado que ninguem,
Te vejas pobre e injuriado,
De toda a gente despresado,
— Perdôa o mal ! E cré no Bem !

E cré no Amor ! Se pôde a guerra
Cobrir de sangue toda a terra,
Levando a tudo a assolação,
— Mais pôde, limpida e sublime,
Caíndo sobre um grande crime
Uma palavra de perdão !





A Pátria

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!

Creança! não verás nenhum paiz como este!

Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!

A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,

É um seio de mãe a transbordar carinhos.

Vê que vida ha no chão! vê que vida ha nos ninhos,

Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!

Vê que luz, que calor, que multidão de insectos!

• Vê que grande extensão de mattas, onde impera

Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o tecto que agazalha...

Quem com o seu suor a fecunda e humedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Creança! não verás paiz nenhum como este :
Imita na grandeza a terra em que nasceste!





A Casa

Vê como as aves teem, debaixo d'aza,
O filho implume, no calor do ninho!...
Deves amar, creança, a tua casa!
Ama o calor do maternal carinho!

Dentro da casa em que nasceste és tudo...
Como tudo é feliz, no fim do dia,
Quando voltas das aulas e do estudo!
Volta, quando tu voltas, a alegria!

Aqui deves entrar como n'um templo,
Com a alma pura, e o coração sem susto :
Aqui recebes da Virtude o exemplo,
Aqui aprendes a ser meigo e justo.

Ama esta casa ! Pede a Deus que a guarde,
Pede a Deus que a proteja eternamente !
Porque talvez, em lagrimas, mais tarde,
Te vejas, triste, d'esta casa ausente...

E, já homem, já velho e fatigado,
Te lembrarás da casa que perdeste,
E has-de-chorar, lembrando o teu passado...
— Ama, creança, a casa em que nasceste!





A Rã e o Touro

(FABULA DE ESOPHO)

Pastava um touro enorme e forte, á beira d'agua.
Vendo-o tão grande, a rã, cheia de inveja e magoa,
Disse: « Por que razão hei-de-ser tão pequena,
Que aos outros animaes só faça nojo e pena?
Vamos! quero ser grande! incharei tanto, tanto,
Que, immensa, causarei ás outras rãs espanto! »

Poz-se a comer e a inchar. E ás rãs interrogava :
«Já vos pareço um touro?» Einchava, inchava, inchava!...
Mas em vão! Tanto inchou que, num tremendo estouro,
Rebentou e morreu, sem ficar como o touro.

Essa tola ambição da rã que quer ser forte
Muitos homens conduz ao desespero e á morte.
Gente pobre, invejando a gente que é mais rica,
Quer como ella gastar, e inda mais pobre fica :
— Gasta tudo que tem, o que não tem consome,
E, por querer ter mais, vem a morrer de fome.





O Soldado e a Trombeta

(FABULA DE ESOPHO)

Um velho soldado
Um dia por terra
A espada atirou;
Da guerra cançado,
Com nojo da guerra,
As armas quebrou.

Entre ellas estava
Trombeta esquecida:
Era ella que no ar

Os toques soltava,
E á lucta renhida
Tocava a avançar.

E disse : « Meu dono,
É justo que a espada
Tu quebres assim !
Mas que, no abandono,
Fique eu socegada !
Não quebres a mim !

Cantei tão somente...
Não sejas ingrato
Commigo tambem !
Eu sou innocente :
Não piso, não mato,
Não firo a ninguem...

Nas horas da lucta
Alegre ficavas,
Ouvindo o meu som.

Attende-me! escuta!
Se então me estimavas,
Agora sê bom! »

E o velho guerreiro
Lhe disse : « Maldita!
Prepara-te! sú!
Teu som zombeteiro
As gentes excita,
Á guerra as conduz! »

Terrível, irado,
Jogou-a por terra,
Sem dó a quebrou...
E o velho soldado,
Cançado da guerra
Por fim repousou.





O Leão e o Camondongo

(FABULA DE ESOPHO)

Um camondongo humilde e pobre
Foi um dia cair nas garras de um leão.
E esse animal possante e nobre
Não o matou por compaixão.

Ora, tempos depois, passeando descuidoso,
N'uma armadilha o leão caiu:
Urrou de raiva e dôr, estorceu-se furioso...
Com todo o seu vigor as cordas não partiu.

Então, o mesmo fraco e pequenino rato
Chegou : viu a afflicção do robusto animal,
E, não querendo ser ingrato,
Tanto as cordas roeu, que as partiu afinal...

Vêde bem: um favor, feito aos que estão soffrendo,
Póde sempre trazer em paga outro favor.
E o mais forte de nós, do orgulho se esquecendo,
Deve os fracos tratar com caridade e amor.





O Lobo e o Cão

(FABULA DE ESOPHO)

Encontraram-se na estrada
Um cão e um lobo. E este disse
« Que sorte amaldiçoada!
Feliz seria, se um dia
Como te vejo me visse.
Andas gordo e bem tratado,
Vendes saúde e alegria:
Ando triste e arrepiado,
Sem ter onde cair morto!
Gozas de todo o conforto

E estás cada vez mais moço ;
E eu, para matar a fome,
Nem acho ás vezes um osso!
Esta vida me consome...
Dize-me tu, companheiro :
Onde achas tanto dinheiro? »

Disse-lhe o cão :

« Lobo amigo!

Serás feliz, se quizeres
Deixar tudo e vir commigo ;
Vives assim porque queres...
Terás comida á vontade,
Terás affecto e carinho,
Mimos e felicidade,
Na boa casa em que vivo! »

Foram-se os dois. Em caminho,

Disse o lobo, interessado :

« Que é isto? Por que motivo
Tens o pescoço esfolado? »

— « É que, às vezes, amarrado
Me deixam durante o dia... »

« Amarrado? Adeus, amigo!
(Disse o lobo) Não te sigo!
Muito bem me parecia
Que era demais a riqueza...
Adeus! inveja não sinto :
Quero viver como vivo!
Deixa-me, com a pobreza!
— Antes livre, mas faminto,
Do que gordo, mas captivo! »

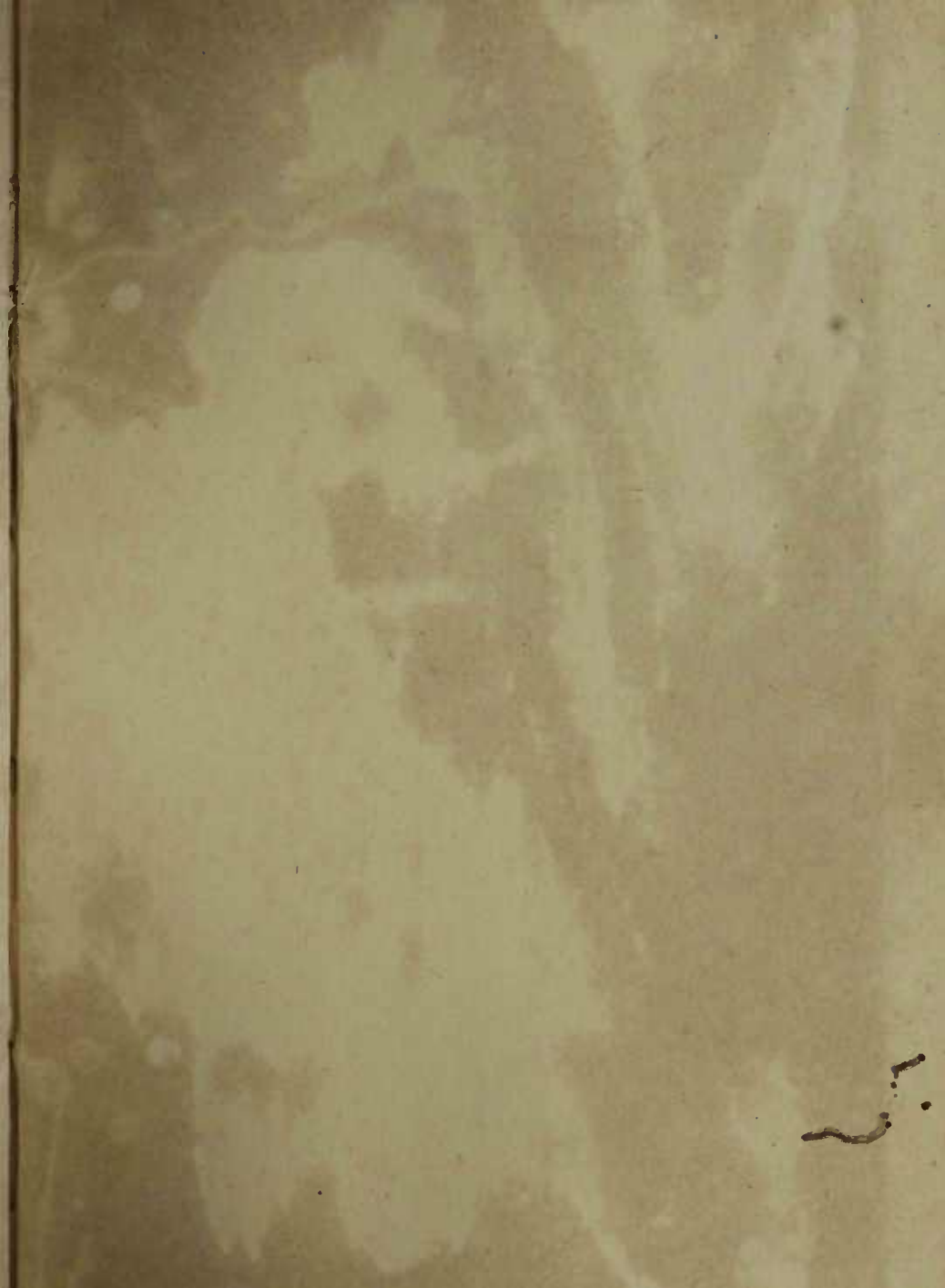


12-1-60

212

INDICE

	Paginas.		Paginas
A quem ler.	5	Justiça	59
A avó.	7	O tempo	61
O Passaro captivo.	10	A madragada	63
O sol.	13	Meio-dia.	65
As estrellas.	15	Ave-Maria.	67
A borboleta	17	Meia noite	69
Natal.	20	Os mezes.	71
Os Reis Magos	22	Anno Bom.	73
Os Pobres	25	As flores	75
A boneca.	27	A Infancia.	77
As Estações	29	A mocidade	79
As formigas	30	A Velhice.	81
O universo.	42	O trabalho	83
Domingo.	45	A Caragem.	85
Plutão	47	A Modestia	87
O Boi	50	Crêdo	89
O Avó	52	A Patria	91
Deus	54	A Caza.	93
O Remedio	55	Fabulas	95





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).